

Maria Lucia Bressan
Pinheiro

e

XPOSIÇÃO RAUL LINO CEM ANOS DEPOIS E COLÓQUIO INTERNACIONAL ARTS & CRAFTS – REPERCUSSÕES EM PORTUGAL E NO BRASIL

Entre os dias 02 de abril e 30 de maio de 2014, a Vila Penteadado, sede do curso de Pós-Graduação da FAUUSP, sediou a exposição “Raul Lino Cem Anos Depois”, cuja abertura foi seguida pela realização do colóquio “Arts & Crafts – Repercussões em Portugal e no Brasil”, que teve lugar nos dias 3 e 4 de abril, no mesmo local. A vinculação entre os dois eventos não é imediata, requerendo, portanto, uma explicação.

A exposição teve por tema os primeiros projetos residenciais do arquiteto português de formação anglo-saxônica Raul Lino (1879-1974) - que, juntamente com os seus escritos coetâneos, constituem a mais importante manifestação da ‘Casa Portuguesa’ – movimento de valorização da arquitetura tradicional lusitana que teve lugar nas primeiras décadas do século 20, permeado pelo ideário inglês do *Arts & Crafts*, originado das propostas de John Ruskin, William Morris e dos Pré-Rafaelitas.

A ‘Casa Portuguesa’ também está na base da emergência do movimento de valorização da arquitetura tradicional brasileira lançado em 1914 pelo engenheiro português Ricardo Severo, que viria a ser conhecido por Neocolonial, conforme o termo cunhado por Mário de Andrade em 1920. Dessa forma, a obra de Lino constituiu importante vetor de divulgação e popularização do *Arts & Crafts* – devidamente filtrado pela cultura arquitetônica portuguesa -, no trânsito de ideias entre Portugal e o panorama arquitetônico brasileiro das primeiras décadas do século 20, marcado pela emergência da problemática da identidade nacional, caso do próprio Neocolonial. Ademais, para além do proselitismo de Severo, radicado no Brasil e plenamente inserido na elite paulista, pesquisas recentes têm demonstrado que os projetos e escritos de Raul Lino - muitos dos quais apresentados na Vila Penteadado -, incidiram diretamente *per se* na formação de intelectuais emblemáticos da cultura brasileira da primeira metade do século 20, entre os quais destacam-se Mário de Andrade e Lúcio Costa.

Tais foram, portanto, os entrelaçamentos de temas – de resto, ainda carentes de aprofundamento - que levaram à realização de nosso duplo evento, cuja gênese está relacionada a outro evento internacional: o colóquio “Portugal-Brasil-África: Patrimônio, Arquitetura, Urbanismo – séculos 19 e 20”, promovido em novembro de 2012 pela Universidade Autónoma de Lisboa “Luís de Camões” (UAL) e pela Universidade de São Paulo (USP), na sede da UAL, em Lisboa. O evento – que, incidentalmente, resultou no livro *Portugal-Brasil-África: Urbanismo e Arquitetura do Ecletismo ao Modernismo*, que reuniu os trabalhos então apresentados e que foi publicado em 2013, em parceria bi-nacional entre a FAUUSP e a Editora

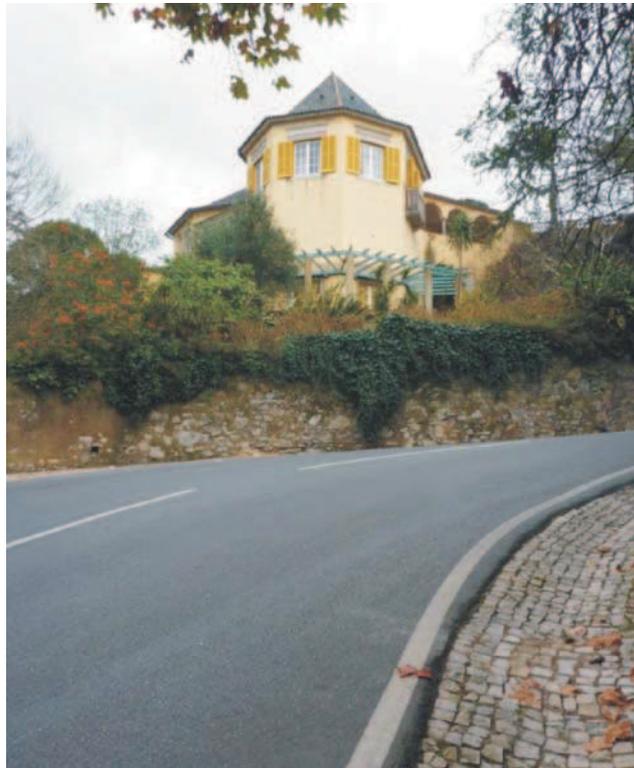


Caleidoscópio - ensejou o contato com o arquiteto Cláudio Sat, curador da mostra “Raul Lino Cem Anos Depois”, dedicada à arquitetura residencial daquele arquiteto e montada em 2003 no Museu Nacional de Machado de Castro, em Sintra. Diante do interesse então evidenciado pela repercussão das ideias de Raul Lino no Brasil, Cláudio Sat gentilmente propôs a realização da exposição em São Paulo, colocando-se desde logo à disposição para viabilizar efetivamente sua proposta.

Foi possível, assim, apreciar os belos painéis que mostravam algumas das mais importantes residências projetadas por Lino, como a Casa Montsalvat (1901), a Casa Santa Maria (1902), a Quinta da Comenda (1903), o Solar dos Patudos (1904), a Casa Branca (1920), a Casa do Penedo (1922) – e, com destaque, a sua própria residência, a Casa do Cipreste, que, projetada em 1914, justifica o nome da exposição.

Com efeito, os projetos de Raul Lino expostos na Vila Penteadado corporificam plenamente os ideais *Arts & Crafts* de seu autor. Neles, transparece a busca de um ambiente doméstico de cunho tradicional intimista e acolhedor, alheio às convenções programáticas e plenamente identificado com seus moradores, privilegiando a funcionalidade das plantas, a singularidade e singeleza das soluções formais e o uso dos materiais locais – tudo perfeitamente harmonizado com o meio físico.

A exposição contou também com uma série de painéis que apresentavam uma sucinta biografia ilustrada de Raul Lino, na qual foram consignados momentos significativos de sua vida, tais como seus estudos na Inglaterra e em Hannover, onde, entre 1893 e 1897, frequentou a *Handwerker und Kunstgewerbeschule*, e frequentou o atelier do professor Albert Haupt, grande estudioso do Renascimento em Portugal. Outros importantes aspectos da atividade profissional do arquiteto –



como a viagem a Marrocos, os primeiros projetos arquitetônicos, esboços de estudos, ilustrações de livros, projetos de mobiliário e de decoração – também foram apresentadas aí, buscando enfatizar a extensão, a qualidade e as características multifacetadas de sua atividade.

Desta primeira parte da exposição, cabe destacar o livro *A Nossa Casa – Apontamentos sobre o Bom Gosto na Construção das Casas Simples*, publicado em 1918, com sucessivas reedições, e dedicado “àqueles que sentem a necessidade de possuir uma casita feita com propriedade, aos que se enternecem pelo conforto espiritual dum ninho construído com beleza” (p. 14). Discorrendo coloquialmente sobre as características de um bom projeto residencial, Lino apresentou várias noções basilares do *Arts & Crafts*, como o projetar “de dentro para fora”, o princípio da verdade dos materiais, o respeito pelas marcas da passagem do tempo, a importância do prazer no trabalho, o apreço pelos materiais e tradições, o necessário vínculo entre a casa e seus moradores. Investia contra os que sacrificam “a comodidade e higiene dos moradores a certas convenções mal fundamentadas”, fazendo mesmo “vida de hotel em sua própria casa” – conselhos estes de clara filiação ao ideário daquele movimento.

A popularidade de *A Nossa Casa* alcançou o Brasil, pois o livro era encontrado nas bibliotecas centrais da Escola Politécnica e da Escola Superior de Agricultura Luís de Queiroz – antes mesmo da criação da USP –, e também em bibliotecas particulares, como as de Alexandre Albuquerque, Mário de Andrade e José Carlos de Macedo Soares, entre outras. Por esta razão, e diante do relativo desconhecimento a esse respeito que se verifica atualmente, pareceu muito oportuna a organização de um evento acadêmico dedicado a discutir a repercussão de Raul Lino e do *Arts & Crafts* em Portugal e no Brasil. O colóquio foi organizado de modo a concentrar, no primeiro dia, temas voltados à recuperação da trajetória do ideário *Arts & Crafts*, sua contribuição própria para as artes e arquitetura da segunda metade do século 19 e suas imbricações no contexto europeu na virada para o século 20, especialmente em relação ao *Art Nouveau* e à produção alemã ligada à *Deutscher Werkbund*. O segundo dia foi dedicado à discussão da repercussão do *Arts & Crafts* no Brasil e em Portugal – portanto, fora de seu contexto de origem, com as inevitáveis ressignificações daí decorrentes.

Assim, a programação iniciou-se no dia 03/04, com uma palestra, ministrada por mim, intitulada “Precursores: Ruskin e Morris”, com o intuito de lembrar as matrizes teóricas e imbricações práticas do *Arts & Crafts*, a partir do pensamento de seus ‘mentores intelectuais’, mencionados no título. De fato, embora o termo *Arts & Crafts* seja usualmente empregado para designar a atividade de William Morris e de seu arquiteto Philip Webb, autor da icônica *Red House* (1862), é importante ter em mente que tal denominação foi cunhada apenas a partir da Exposição da *Arts & Crafts Society*, realizada em 1887, designando então as obras de arquitetos como Richard Norman Shaw, E. Nesfield, William Lethaby e C. R. Ashbee, entre outros.

A obra destes arquitetos constituiu precisamente o tema da palestra do professor José Eduardo de Assis Lefèvre (FAUUSP), intitulada “O *Arts & Crafts* na Inglaterra”, que abordou a disseminação do movimento a partir de suas raízes fortemente localizadas nas correntes medievalistas inglesas da primeira metade do século 19, valorizando os aspectos da cultura vernácula na escolha e emprego de materiais e técnicas construtivas e na produção artesanal, bem como a integração ao local de implantação e ao modo de vida de seus moradores. Foram

apresentados vários exemplos arquitetônicos ingleses da segunda metade do século 19 para discutir estas características, bem como suas contradições intrínsecas – a saber, seu alto custo de produção, que fez com que boa parte da arquitetura *Arts & Crafts* ficasse restrita a riquíssimas camadas sociais ascendentes, compostas por grandes industriais e pela alta burguesia.

Ainda na manhã do primeiro dia foi apresentada a palestra da professora Cristina Meneguello (Unicamp), intitulada “*Arts & Crafts* e os Pré-Rafaelitas”, com o mesmo sentido, isto é, discutir os aspectos do ideário *Arts & Crafts* em suas articulações com aquele movimento artístico. Aliás, em *A Nossa Casa*, o próprio Lino indicava explicitamente o Pré-Rafaelismo como “o início da salutar reação” dos movimentos artísticos do final do século 19 (1923, p. 108).

O tema da circulação do ideário *Arts & Crafts* fora da Inglaterra foi apresentado pela professora Fernanda Fernandes da Silva, em palestra intitulada “*Arts & Crafts* e o contexto alemão do início do século 20”, enfocando o papel do arquiteto alemão Hermann Muthesius (1861-1927), adido cultural na Embaixada Alemã em Londres em 1896, como o principal difusor do *Arts & Crafts* naquele país. Quando de seu retorno à Alemanha, Muthesius escreveu *Das Englische Haus* (“A Casa Inglesa”), obra editada em três volumes, relativa ao movimento inglês, que alcançou expressiva repercussão na cultura arquitetônica do período. Paralelamente, Muthesius teria uma atuação de liderança na *Deutscher Werkbund* alemã ao propor que os objetos feitos à máquina fossem pensados segundo os princípios *Arts & Crafts* de simplicidade, pureza e qualidade, e abrindo assim um importante espaço de atuação do arquiteto junto à indústria.

A última palestra do primeiro dia do colóquio ficou a cargo do professor Tim Benton, da Universidade de Cambridge, intitulada “*Arts & Crafts* e *Art Nouveau*”, que enfatizou as diferenças entre o *Arts & Crafts* de origem britânica e aquele de origem escocesa, e os princípios teóricos subjacentes, cotejando-os com os do *Art-Nouveau* continental. Para melhor explicitar suas reflexões, foi enfocada a obra do arquiteto escocês M.H. Baillie-Scott, um dos mais populares disseminadores de tais ideias.

O segundo dia iniciou-se com um exemplo prático, por assim dizer, da interessante questão das relações entre *Arts & Crafts* e *Art Nouveau*, a partir de visita guiada pela sede do curso de Pós-Graduação da FAUUSP, e também do colóquio: a belíssima Vila Penteado, um dos mais eruditos exemplares do *Art-Nouveau* em São Paulo, e particularmente adequado para a discussão proposta, uma vez que apresenta aspectos claramente vinculados ao *Arts & Crafts*. Com tal visita, foi possível aos participantes conhecer espaços usualmente vedados ao público, bem como detalhes construtivos mais específicos.

Em seguida, foi apresentada por mim a palestra intitulada “*Arts & Crafts* no Brasil”, que é parte constituinte das pesquisas que venho desenvolvendo no sentido de melhor entender a questão da identidade nacional e suas manifestações em movimentos arquitetônicos tão díspares como o Neocolonial e o Modernismo, bem como sua profunda imbricação na emergência das primeiras iniciativas preservacionistas entre nós. Em tal contexto assumem grande protagonismo Mário de Andrade e Lucio Costa, nos quais, como já foi dito, é evidente a ressonância das ideias de Ricardo Severo e de Raul Lino, bem como do movimento da ‘Casa Portuguesa’.

No período da tarde, o tema da ‘Casa Portuguesa’ foi retomado com propriedade pelo professor João Vieira Caldas, da Universidade de Lisboa, na palestra intitulada “Reflexos do Movimento *Arts & Crafts* em Portugal: o confronto

entre a 'Casa Portuguesa' e o 'estilo' neo-românico". Foi discutida a emergência, em Portugal, no período que se estende de 1890 até o início da Primeira Guerra Mundial, de duas tendências de gênese nacionalista: o neo-românico, ainda imbuído do espírito historicista do século 19 e do entendimento da arquitetura como uma das belas-artes, e a 'Casa Portuguesa', na qual ressoa diretamente o espírito do *Arts and Crafts*, nomeadamente na recusa da industrialização e na exaltação do trabalho artesanal que esse movimento transporta.

Discutiu-se, ainda, a curta vida do neo-românico em Portugal, apesar de ter sido experimentado por quase todos os arquitetos da geração em causa e, em especial, por Álvaro Machado, cuja obra foi apresentada como estudo de caso na palestra. Ao contrário, o movimento da 'Casa Portuguesa' projetou-se muito para além das duas décadas e meia que vão de 1890 a 1914. Foi polêmico, contraditório, deu origem a interpretações e expressões muito diversas que ultrapassaram pela direita as intenções de Raul Lino e deu ainda origem a um sem número de projetos dos primeiros modernistas portugueses.

Estabelecer paralelismos e analogias, bem como diferenças e contrastes, entre Raul Lino (1879-1974) e Frank Lloyd Wright (1869-1959), dois arquitetos contemporâneos, expoentes da cultura e da sociedade do seu tempo e de seus países, foi o tema abordado pelo Prof. José Manuel Fernandes, da Universidade de Lisboa, que fechou o evento com a palestra "Olhar a obra de Raul Lino, a pensar em Frank Lloyd Wright". Ressalvando as distâncias, fruto da indiscutível genialidade e criatividade do autor norte-americano, e da sua importância na evolução da cultura arquitetônica mundial, o professor enfrentou o desafio de analisar os respectivos contextos culturais que ditaram a importância e dimensão das obras – universal no caso de Wright, regional no de Lino - e a sua produção prática e teórica, sobretudo no período de 1900-1930.

Um tema específico como o do *Arts & Crafts*, pouco conhecido no que diz respeito a seu trânsito para terras brasileiras, e que, por suas próprias bases conceituais, apresenta-se sempre em manifestações arquitetônicas muito variadas e diversas entre si, implica necessariamente dificuldades quanto à apreensão de sua importância na obra de inúmeros arquitetos atuantes na primeira metade do século 20. Apresentar e discutir esta dimensão foi, pois, o principal objetivo deste colóquio; esperemos que o conjunto de contribuições apresentadas, de grande valia para a reflexão proposta, resulte em um debate mais plural sobre as matrizes de nosso modernismo.

Não teria sido possível realizar os dois eventos articulados – a exposição "Raul Lino Cem Anos Depois" e o colóquio "Arts & Crafts – Repercussões em Portugal e no Brasil" – sem o apoio e a colaboração de inúmeras pessoas, inclusive d'além mar, começando pelo estimado arquiteto Claudio Sat, curador da exposição, e José Manuel Fernandes, organizador do já mencionado Colóquio Portugal-Brasil-África, que constituiu o ponto de partida para esta iniciativa. A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) possibilitou a vinda dos professores visitantes. No âmbito da FAUUSP, seu diretor, professor Marcelo Andrade Roméro, desde o início empenhou-se decisivamente no projeto, num período marcado por inesperadas mudanças de orientação nas políticas de fomento da universidade. Nesse mesmo sentido, foi indispensável o apoio da professora Ana Duarte Lanna, do Núcleo de Apoio à Pesquisa São Paulo: Cidade, Espaço, Memória. A professora Maria Lucia Caira Gitahy, presidente da Comissão de Pós-Graduação da FAU, acolheu imediatamente a proposta, colaborando intensamente para sua concretização, juntamente com sua equipe, especialmente

os funcionários Cristina, Cida e Marcelo. Com sua gentileza habitual, José Tadeu Maia, coordenador do Laboratório de Programação Gráfica-LPG, produziu os maravilhosos painéis da exposição com a maior presteza e qualidade; para sua montagem na Vila Penteados, o professor Artur Rozenstraten gentilmente disponibilizou o sistema de painéis autoportantes executados pela equipe do Laboratório de Modelos e Ensaios (Lame), e que parecem ter sido desenvolvidos especialmente para edifícios tombados, em cujas paredes nada pode ser afixado. Carolina Lefèvre encarregou-se do projeto gráfico do material de divulgação, e o apoio de Lucas Caracik de Camargo Andrade foi indispensável ao longo de todo o processo. A todos eles, e ao público que prestigiou este esforço coletivo, dirigem-se nossos sinceros agradecimentos.

Maria Lucia Bressan Pinheiro

Graduação, mestrado e doutorado pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é professora doutora ms-5 da FAUUSP; foi diretora do Centro de Preservação Cultural (CPC-USP). É pesquisadora associada do Núcleo de Apoio à Pesquisa Plataforma São Paulo: Cidade, Espaço, Memória (NAP-SP).

Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

Rua do Lago 876 - Cidade Universitária

05508-080 - São Paulo, SP - Brasil

(11) 3091-4555

mlbp@usp.br